

## As traduções francesas do conto “O Enfermeiro” de Machado de Assis

Doutoranda Emilie Audigier (UFRJ – UP)

### **Resumo:**

*O papel do tradutor, significativo na difusão da obra literária no país de recepção, interfere na leitura, por recriar o texto literário de origem. Na França, as traduções de Machado de Assis foram escritas e descobertas por um público francês em várias épocas. Proponho aqui um estudo comparativo das traduções de “O enfermeiro” (Alguns contos, 1896), traduzido por quatro tradutores franceses : Adrien Delpech em 1910, Philéas Lebesgue e Manoel Gahisto, em 1911 e Victor Orban, em 1914. A tradução de Adrien Delpech foi reeditada e corrigida em 1997. Gostaria de mostrar aqui como, a partir da posição tradutora, da ética e também da época, a obra conhece pontos de divergência que têm sentido na evolução da tradução literária na França.*

**Palavras-chave:** retradução, literalismo, posição tradutória, ética do tradutor, etnocentrismo.

### **Introdução**

Ler uma tradução, em vez da versão original, oferece ao leitor a possibilidade de confiar no tradutor, sem duvidar dele. Aqui, proponho-me a trabalhar o olhar crítico sobre a primeira tradução e as outras traduções que se seguiram do conto “O enfermeiro” de Machado de Assis, extraído de *Alguns contos*, publicado em 1896. Ele chamou a atenção, em 1910, quando foi pela primeira vez lido em francês, quatorze anos depois de sua publicação no Brasil, apresentado por Adrien Delpech numa obra com outros contos de Machado *Oeuvres de Machado de Assis*. Em seguida, em 1911, aparece a tradução de Philéas Lebesgue e Manoel Gahisto, publicada na revista *Mille Nouvelles nouvelles*.

Em 1916, expedições dos intelectuais, artistas, engenheiros, profissionais da música e da língua, Anatole France, Darius Milhaud, Benjamin Péret, Blaise Cendrars viajaram ao Brasil e atestar uma latinidade em comum que aproximasse os dois países. Em 1917, o conto foi retraduzido por Victor Orban num dos primeiros livros críticos em francês: *Machado de Assis, Son Oeuvre Littéraire*, editado pela Garnier Frères. Em 1909, um ano depois da morte de Machado de Assis, homenageou na Sorbonne a intelectualidade brasileira com Anatole France e Oliveira Lima. Em 1997, a primeira tradução foi corrigida e publicada no livro *La Cartomancienne*<sup>1</sup>. As traduções da obra de Machado de Assis em língua francesa se estendem durante o século de 1910 a 2006, realizadas por vários tradutores (Adrien Delpech, Victor Orban, François Miomandre, Alain de Acevedo, Ronaldo de Carvalho, Maryvonne Lapouge-Pettorelli, Florent Kolher, Philippe Billé, Michèle Giudicelli).

A idéia de retradução como modificação do espaço do traduzir confere à obra original um caráter de obra-prima. Em *Palimpsestes*, “La retraduction comme espace de la traduction” (1990), Berman destaca que “a retradução se situa com o original e contra as traduções

---

<sup>1</sup> *La Cartomancienne, Histoires Diverses*, J-M Machado de Assis, traduzidas do português por Adrien Delpech, Editions de l’Ombre, Toulouse, 1997. Contém contos de *Papéis Avulsos* (1882) e *Histórias sem Datas* (1884).

existentes”<sup>2</sup>. Existe assim uma vontade de se opor ao que existiu, e transmitir outra vez e como se for a primeira, a obra a um público estrangeiro, para dar-lhe atualidade e conferir-lhe uma vida nova com mais contemporaneidade.

Partindo do texto, temos por hipóteses fundamentais que uma tradução pode “envelhecer” mais rápido que a obra original. De uma tradução para outra, muda as conveniências do tempo, a língua se transforma o gosto e as práticas de escrita que se modificam. A retradução ou as novas traduções existem para quem? Se for para retificar os erros de uma tradução anterior, ou responder a um « horizonte de espera » que Paul Ricoeur evoca? Pretendemos considerar o tipo de relação que existe entre as versões produzidas e o original.

Partimos dos conselhos de leitura de Berman em *Pour une Critique des Traductions: John Donne*<sup>3</sup> para conhecer a vida da obra no país de recepção, observando se o texto se situa abaixo ou além das normas de língua definidas no texto inicial.

## **1. A busca dos tradutores de Machado de Assis**

Antes de analisar o conteúdo da tradução, procuramos primeiro – partindo dos elementos existindo em volta do texto – quem é o tradutor, a posição tradutiva *a priori*, a ética da tradução e o “horizonte de tradução”, termo emprestado à Berman, derivado da fenomenologia de Jauss, na recepção da obra. Consideramos que o ato de traduzir tem um círculo de possibilidades limitadas.

Adrien Delpech é o introdutor da obra estudada e o primeiro tradutor de Machado de Assis e de obras literárias brasileiras. Naturalizado brasileiro, professor de sociologia e literatura de línguas latinas e francesas, colaborou em diversas revistas literárias<sup>4</sup>. Escreveu obras críticas e antologias de escritores brasileiros *Le Roman Brésilien, Moeurs Exotiques* (1904), traduziu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1987) e *Alguns Contos* (1910) e escreveu um romance *Pages Exotiques: Petrópolis* (1913). No prefácio de *Quelques Contes* (1911), ele mostrou as suas motivações e os modos da própria tradução de Machado:

Traduire Machado de Assis, c'est superposer à sa mentalité une autre, la plus bienveillante et harmonique. C'est le rôle fatal de tout traducteur, même en essayant de se juxtaposer, en créant les même néologismes, comme Chateaubriand dans sa traduction du Paradis Perdu. A travers Milton, on trouve encore Chateaubriand.<sup>5</sup> (DELPECH, 1911, p. 15)

O próprio comentário do tradutor Adrien Delpech mostra como ele valoriza *a priori* a “transparência literal”, recriando a “mentalidade” do texto, isto é sua “letra”, sua essência. Para fazer corpo com o texto, se referindo à “harmonia da mentalidade”, e troná-lo mais belo. Evocando o papel do tradutor, se refere ao texto de Walter Benjamin “A tarefa do Tradutor”<sup>6</sup>,

---

<sup>2</sup> BERMAN, Antoine (1990). «La retraduction comme espace de la traduction», *Palimpsestes* no 4, Publications de la Sorbonne Nouvelle, pp. 1-8.

<sup>3</sup> Paris, Gallimard, 1995.

<sup>4</sup> *Le Beffroi, La Province, La Revue de l'Amérique Latine, Boletim da Câmara do Comércio.*

<sup>5</sup> Traduzir Machado de Assis é superpor à sua mentalidade com outra a mais benevolente e harmônica possível com a sua. É o papel fatal de todo tradutor, mesmo tentando justapor, criando mesmo neologismos, como Chateaubriand na sua tradução do *Paraíso Perdido*. Através Milton, ainda achamos Chateaubriand. É o papel fatal de todo tradutor (tradução própria).

<sup>6</sup> BENJAMIN Walter, « La tâche du traducteur », in *Mythes et violence*, traduction de M.de Gandillac, Denoel, 1971 ; traduction M. Broda, in *Po § sie*, n° 55, Paris, 1<sup>er</sup> trimestre 1991.

sublinhando o respeito da letra, mantendo as intertextualidades e os registros. Chateaubriand, quando traduz Milton é literalista, mas exprime o estilo próprio também. Pode parecer um paradoxo, porque a literalidade seria ser mais fiel à língua de origem e não de recepção mas é inovador no pensamento da tradução da época, Chateaubriand se opõe aos autores românticos alemães, que defendiam afinidade com os autores franceses do século (Hugo, Baudelaire, Mallarmé, Mme de Staël, Leconte de Lisle).

Philéas Lebesgue, tradutor e crítico literário, colaborava regularmente durante mais de 45 anos para a revista *Mercure de France* no âmbito das Letras portuguesas, gregas, iugoslavas e brasileiras. Também era correspondente da revista *Águia* e de outras publicações culturais portuguesas. Influenciado por Victor Hugo, lusófilo ele sonhava da unificação das culturas portuguesa e brasileira, fato artificial visto por dentro, mas, no olhar francês, a unificação por causa da língua vai junto com a idéia de lusofonia. Também escreveu um ensaio sobre a formação em relação ao gosto francês<sup>7</sup>. Esses detalhes têm muita importância na nossa análise do texto. Ele traduz os autores José de Alencar<sup>8</sup> e Machado de Assis. À luz do perfil de Philéas Lebesgue, e da primeira leitura, a tradução de Philéas Lebesgue tem *a priori* o caráter mais livre e literário. Junto com Pierre-Manoel Gahisto<sup>9</sup> belga, traduz – em um trabalho a quatro mãos – um romance do italiano virgem crioulo de Becaire e romances brasileiros: *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1961, *Macambira*, em 1920.

Victor Orban, o último tradutor de “O Enfermeiro”, propôs uma terceira versão em 1917. Ele encorajou a divulgação da obra brasileira na França nos anos 1910, *Anthologie Française des Ecrivains Brésiliens*, reunindo prosadores e poetas brasileiros, *Poésie Brésilienne*<sup>10</sup>. Ele contribuiu na revista *Jovem Bélgica* para a divulgação da literatura brasileira, sobretudo de Joaquim Nabuco. Na introdução à obra, ele apresentou o estilo de Machado de Assis com o “ideal de simplicidade e verdade, (aplicando-se) à exatidão”<sup>11</sup> (ORBAN, 1917, p. 47). Enfim, na quarta publicação de “O Enfermeiro” publicada em 1997, reparamos algumas correções e atualizações, mas o texto continua de forma geral igual.

## **2. Análise comparativa: diálogo das traduções**

“O Enfermeiro” é a confissão de um homem, Vallongo, na véspera da morte. Ele tenta se aliviar de um segredo, revelando a história de sua culpabilidade no crime do coronel Felisberto. Teólogo improvisado aos quarenta e dois anos na cidade do Rio é chamado para cuidar da saúde de um rico coronel no interior do estado. A convivência com o doente muito mal-humorado e violento se torna um inferno até o dia que o crime acontece, num excesso de raiva. Vallongo finge a morte natural do coronel, sentindo-se culpado, e recebe depois do enterro uma carta que o coronel deixou, atribuindo a ele toda a sua generosa herança. Vallongo quer primeiro recusar, e resolve aceitar. Nunca contará a verdade, se convencendo pela sua própria inocência, até o momento da morte e da narrativa.

---

<sup>7</sup> LEBESGUE Philéas, *Aux Fenêtres de France: Essai sur la Formation du Goût Français*, Editions Garniers, Paris, em 1906.

<sup>8</sup> Em um artigo sobre as traduções de José de Alencar por Philéas Lebesgue d’Ofir Bergemann de Aguiar.

« *Iracema*, de Lebesgue, e o programa de barbarização estranhante da linguagem de Alencar », Universidade Federal de Goiás.

<sup>9</sup> Do seu nome verdadeiro belga, Paul Tristan Coolen, a tradução é a quatro mãos, isto é com um duplo olhar que a final de revela único.

<sup>10</sup> Prefácio de Mário de Pimentel Brandão.

<sup>11</sup> ORBAN, Victor, « L’infirmier », in *Machado, une œuvre littéraire, une vie*, Garnier Frères, 1917, Paris.

Dentro da narrativa, queremos determinar as “zonas textuais significativas” que chamam atenção nas diferentes leituras das obras, nas primeiras impressões. Passamos à observação do corpo do texto, das perdas aos “traços milagrosos” – de qualidade fora do comum – das deformações maiores aos respeitos.

### **1.1 Perdas e traços significativos da ética**

Um primeiro elemento chama a atenção no *incipit* do conto por introduzir a ação numa dupla dimensão temporal, o tempo da fala do personagem e o dos acontecimentos narrados. Philéas Lebesgue e Gahisto retiram os dois primeiros parágrafos do texto original, suprimindo a qualidade enunciativa especial de Machado que coloca uma história contada por um personagem que conta a história para o próprio leitor ou escritor.

Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860 pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de que não há de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará, pode ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.

Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que há coisas interessantes, mas para isso era preciso tempo, ânimo e papel, e eu só tenho papel (...) pediu-me um documento humano, eis-lo aqui. Não me peça também o império do Grão Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, porém, os meus sapatos de defunto e não os dou a ninguém mais.

Já sabe que foi em 1860. No ano interior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta dois anos, fiz- teólogo (...) <sup>12</sup> (MACHADO, p.145)

---

<sup>12</sup> MACHADO DE ASSIS, “O enfermeiro”, Seleção de Domício Proença Filho, Editora Global, 2004, p. 143.

Tradução de DELPECH

Incipit 1

*Vraiment, vous trouvez que le récit de ce qui m'est arrivé en 1860 mérite d'être imprimé ? Soit, mais à une condition : c'est que cette aventure ne sera divulguée qu'après ma mort. Vous n'attendrez pas longtemps, huit jours au plus : moins sans doute, car je suis condamné.*

*J'aurais certainement pu vous narrer ma vie tout entière, car il y a d'autres faits intéressants ; mais il faudrait du temps, du courage et du papier ; et je n'ai que du papier (...)*

*Vous m'avez demandé un document humain, le voici. Ne me demandez point par-dessus le marché l'empire du Grand-Gogol, ni la photographie des Macchabées ; mais demandez-moi, si vous voulez, mes souliers de défunt, et je ne les léguerais à personne d'autre. (...)*

*Vous savez déjà que cela se passa en 1860. L'année d'avant, vers le mois d'août, ayant alors quarante-deux ans, je me fis théologien, c'est-à-dire que je copiais les œuvres de théologie d'un prêtre de Nitéroï. (DELPECH, 2007, p. 102)*

Tradução de LEBESGUE

Incipit 2

*Vous savez que l'événement se passa en 1860. L'année avant, vers août. – Je venais d'avoir mes quarante-deux ans, - je m'étais fait théologien, c'est-à-dire que je copiais les études de théologie. D'un Père de Nitheroy.* <sup>13</sup> (LEBESGUE-GAHISTO, 1911, p.15)

Tradução de ORBAN

Incipit 3

*Alors, vraiment, il vous semble que ce qui m'est arrivé en 1860 peut fournir la matière d'un conte ? Soit. Je vais narrer mon aventure, mais à l'unique condition que vous ne la divulguez pas avant ma mort. Vous n'attendrez pas longtemps, huit jours au plus ; je suis condamné.*

*J'aurais pu vous faire le récit de ma vie entière et de beaucoup d'autres faits intéressants ; mais pour cela il faudrait du temps, du courage et du papier. Or, le papier seul ne me fait pas défaut (...) Vous m'avez demandé un document humain, le voici. Ne me demandez ni l'empire du Grand Mongol, ni la photographie des Macchabées ; mais demandez-moi, si vous voulez, mes souliers de défunt, et je vous léguerais à vous Seul et à personne d'autre.*

*Vous savez déjà que cela se passa en 1860. L'année précédente, vers le mois d'août, à l'âge de quarante-deux ans, j'étais devenu théologien, c'est-à-dire que je copiais les œuvres de théologie d'un prêtre de Niteroy. (ORBAN, 1914, p.110)*

A primeira vista, observamos que na tradução de Lebesgue e Gahisto, a introdução foi suprimida. Da mesma maneira, a última frase da tradução de Lebesgue-Gahisto não aparece “Adeus, meu caro senhor”: “Adieu, mon cher monsieur”.

**Adeus, meu caro senhor.** Se achar esses apontamentos vale alguma coisa, pague-me também com um túmulo de mármore, ao qual ará por epítáfio esta emenda que faço aqui ao divino serão da montanha: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados. (MACHADO de ASSIS, 1896, p.150)

*Si les confidences valent quelque chose, payez-moi aussi d'un tombeau de marbre, et mettez-y en épitaphe cette adaptation du divin sermon : “Bienheureux ceux qui héritent, parce qu'ils seront récompensés. (PHILÉAS LEBESGUE, 1911, p. 37)*

Essa liberdade excessiva da tradução de Philéas Lebesgue e Gahisto é o sinal do uso comum na época seguindo às normas das *Belas Infieis*, no gosto clássico no século XVII de uma traição liberada ao texto original, se tornando a favor do embevecimento do texto de origem. Tratar-se-ia de certa forma de uma adaptação ou da criação de um conto com elementos narrativos diferentes. Na tradução de Lebesgue e Gahisto, a encenação de Machado desaparece e prova que a omissão torna-se marca de adaptação do texto. Mostra que a ética de Philéas Lebesgue se situa não apenas da moda da época, mas, sobretudo, na *ética*, isto no desejo profundo e nas regras de jogo que o tradutor permite dentro do projeto de tradução.

## 1.2 Elementos etnocêntricos

A essência da tradução é a relação, a substituição para o outro, o diálogo entre a própria língua e a estrangeira, e precisa de certo descentramento de si, para chegar a realizar esse movimento, de uma abertura ao entendimento do outro. O tradutor de Machado de Assis se confronta à dificuldade da língua de outro lugar e outro tempo, isto é com personagens brasileiros do tempo do Império. George Mounin, a sua obra *Les Belles Infidèles* (1955) mostra a dificuldade de traduzir “a originalidade de uma obra sem a originalidade da sua língua estrangeira ou traduzir o sabor da obra sem se preocupar de traduzir o cheiro do século em que foi escrita.”<sup>14</sup> Ele defende uma posição de esconder à estranheza em relação à tradução, que estará discutido por Berman nos anos 80. Para tratar dessa questão da ética do tradutor numa perspectiva comparativa, observamos a tradução dos nomes próprios do conto.

Felisberto, Procópio, Nytheroy (MACHADO de ASSIS, 1896, p. 143)<sup>15</sup>

*Felisberto, Vallongo, Procópio, Niterhoy* (DELPECH, 1910, p. 116)<sup>16</sup>

*Felisberto, Vallongo, Procópio* (LEBESGUE, 1911, p. 143)<sup>17</sup>

*Filibert, Procope, primeira vez Procópio José Gomes Vallongo* (ORBAN, 1914, p. 155)<sup>18</sup>

Felisberto, Vallongo, Procópio, Niterói (DELPECH, 1997 p. 221)<sup>19</sup>

<sup>14</sup> MOUNIN, Georges, *Les Belles Infidèles*, Paris, Les cahiers du Sud, 1955.

<sup>15</sup> MACHADO DE ASSIS, “O enfermeiro”, Seleção de Domício Proença Filho, Editora Global, 2004, p. 143

<sup>16</sup> DELPECH, Adrien, *Quelques contes*, Editions Garnier Frères, Paris, 1910, p. 115-229

<sup>17</sup> LEBESGUE, Philéas e GAHISTO Manoel, *Mille Nouvelles Nouvelles*, « L'infirmier », 1911, p. 107.

<sup>18</sup> ORBAN, Victor, « L'infirmier », in *Machado, une œuvre littéraire, une vie*, Garnier Frères, 1917, Paris

O uso dos nomes *Filibert*, *Procope*, invés de ‘Felisberto’ e ‘Procópio’, situa a tradução de Orban como uma tradução afrancesada, orientada pela público de recepção. Nesse diálogo, Umberto Eco se situa a favor de um “mergulho” da obra na cultura de recepção, para ter o mesmo efeito no leitor do país. Preocupado em deixar o texto mais francês, o tradutor nega um pouco a identidade estranha do texto.

O problema encontrado aqui tem o risco de fingir que os personagens pertencem à cultura francesa, “o sabor do século, e do cheiro da época” que Mounin designa também com outra imagem do Gogol se tornar um copo tão transparente até esquecer a existência do copo. Essa transparência pode representar o perigo de mudar os heróis de nacionalidade, e de perder o caráter singular, mesmo tratando de humano. A tradução dos nomes mostra quanto o tradutor se preocupa com o público francês, modelando os heróis até nos próprios nomes.

Da mesma maneira, quando o tradutor escolhe de explicitar um fato histórico sem uso de nota, dentro do texto como é o caso na tradução seguinte:

---

<sup>19</sup> *La Cartomancienne*, J-M Machado de Assis, Petite Bibliothèque Ombres, p. 102-113. DELPEH, Adrien, « L’infirmier », *Várias estórias*, traduction d’Adrien DELPECH, Editions Garnier.

Vim à **Corte**  
despedir-me  
de um irmão,  
e segui para a  
vila.  
(MACHADO  
de ASSIS,  
1896, p. 143)

*J'allai à **Rio**  
prendre  
congé d'un  
**mien frère**, et  
je me rendis  
au **village**.*  
(DELPECH,  
1910, p. 116)

*Je passai voir  
mon frère à **Rio**  
et je partis.*  
(LEBESGUE,  
1911, p. 143)

*Je me rendis  
d'abord à **Rio**  
pour prendre  
congé d'un  
frère qui  
habitait la  
capitale, et de  
là je partis  
pour la **petite**  
**ville** de  
**l'intérieur**.*  
(ORBAN,  
1914, p. 155)

*J'allai à **Rio**  
prendre  
congé de **mon**  
**frère**, et de là  
je me rendis  
au **village**.*  
(DELPECH,  
1997 p. 221)

A referência à Corte portuguesa de Dom Pedro II, é sempre traduzida em francês por “Rio”, perdendo seu sentido histórico. O detalhe mostra como a explicitação é usada, uma clarificação para uma melhor recepção do leitor francês do século XX. Lebesgue apresenta uma tradução mais concisa, elíptica, com omissão da « vila » enquanto Orban se estende mais e alonga a frase, explicita ou esclarece (“qui habite la capitale”, “petite ville de l’intérieur”). Enfim, a tradução de Delpech é mais fiel, mesmo se a inversão do « un frère mien » da edição 1910 se torna “mon frère” na edição recente. A tradução de Victor Orban traz um conteúdo e uma forma mais clássica, com uma preocupação muito grande em relação à recepção.

Para completar o olhar estrangeiro detalhes históricos, chama nossa atenção um elemento que marca a ética do tradutor. Para traduzir os « escravos », realidade contemporânea à época de Machado de Assis, todos os tradutores franceses usam termos mais fracos, como « domestique » ou « serviteur », eufemismos visando a amenizar a realidade histórica<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> No Brasil, a prática do mercado dos escravos existe legalmente até 1888, abolida com a Lei Aurea (Loi d’Or). Na França, a escravidão desaparece em 1815 quando está assinado pelo ministro Victor Arago. Mas é a partir de 1849 que François Auguste Biard enuncia a abolição da prática.



Em seguida, chamei um <b>escravo</b> , disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico. (MACHADO, 1896, p. 133)	<i>Ensuite, j'appelai un <b>domestique</b>, je lui dis que le colonel était mort subitement pendant la nuit et l'envoyai chercher le vicaire et le médecin.</i> (DELPECH, 1910 e 1997, p. 143)	<i>Ensuite, j'appelai un <b>domestique</b>, je lui dis que le colonel était mort et l'envoyai chercher un vicaire et un médecin.</i> (LEBESGUE, 1911, p. 154)	<i>Ensuite, j'appelai un <b>serviteur</b> et je lui dis tout bas que le colonel était mort vers le matin ; je l'envoyai avertir le vicaire et le médecin.</i> (ORBAN, 1914, p. 103)
---	--	---	---

A deformação mostra como o peso histórico da escravidão tem importância, e, para não chocar o leitor e aliviar a história, omite um episódio fundamental da história do Brasil. A omissão está ligada à culpa do país colonizador francês em relação à própria história francesa. Ecoa um silêncio e uma negação do tradutor em relação à escravidão na França. Sublineamos que na última tradução de 1997, “escravo” está ainda traduzido por “domestique” revelando o quanto a problemática da escravidão está viva na França, mesmo abolida oficialmente sessenta anos depois da Revolução francesa. Na época de Machado de Assis, a escravidão continua a existir na prática a pesar do tráfico com a África estar proibido em 1850. Na sua obra *La Condition Noire* (2008), Pap Ndiaye mostra que “a revolução de 1848 fornece o momento oportuno. A escravidão foi abolida o dia 27 de Maio 1848, o que não impede de manter as discriminações raciais nas Antilhas.”<sup>21</sup> As três traduções de Machado datam dos anos 10, e, nessa época, os Negros na França são muito raros (por volta de mil pessoas), sendo trabalhadores temporários ou estudantes e elites (advogados, médicos e engenheiros). Os “originais” – a população das Antilhas que moravam na França desde a época da colonização – tinham um estatuto particular: direito de voto às eleições, e na teoria, direito de expressão e de livre-circulação. As traduções, publicadas durante ou na véspera da Segunda Guerra Mundial representam uma mudança radical nas relações raciais francesas, com a participação de soldados das colônias francesas. Nas traduções “*serviteur*” é mais adequado à noção de escravidão pois vem de *servus* “ser escravo” “*serf, servage*,” a pessoa na Feodalidade que não tinha liberdade pessoal em relação ao vilão, “*condition d’esclave*” em latim. A palavra “domestique” seria no caso mais envelhecida. As traduções, usando “domestique” e “serviteur” reflete um etnocentrismo, e uma negação, talvez em um movimento que vai junto que com o embevecimento. No estudo das perdas e dos traços significativos da ética, vemos que a questão da omissão, da transparência, da questão colonial, como na questão do ritmo mostra que a traduções se revelam etnocêntrica.

### **3. Enobrecimento, embevecimento e renovação**

Na questão da ética e da posição tradutiva pertence o fato de traduzir novamente um texto. As várias interpretações, vidas do texto literário podem são confrontadas com estilos distintos. Vejamos alguns exemplos, com uma passagem de xingamentos, e o estilo dos tradutores.

---

<sup>21</sup> “La Révolution de 1848 fournit le moment opportun. L’esclavage fut aboli le 27 mai 1848, ce qui n’empêche en rien le maintien les discriminations raciales aux Antilles. » Pap NDIYANE, p.125, *La condition noire*.

Era burro, camelo,  
pedaço d'asno,  
idiota, moleirão,  
era tudo. Nem, ao  
menos, havia mais  
gente que  
recolhesse uma  
parte desses  
nomes.  
(MACHADO de  
ASSIS, 1896,  
p.132)

*J'étais un mulet,  
un chameau, un  
âne, un idiot, un  
lourdeau, tout,  
enfin. Et personne  
pour venir  
partager avec moi  
la série de ces  
épithètes.*  
(DELPECH, 1910,  
p.22)

*Bourrique,  
chameau, âne,  
idiot, balourd :  
j'étais tout. Pour  
comble, il n'y avait  
plus personne qui  
recueillit une part  
de ces doux  
vocables.*  
(LEBESGUE,  
1911, p.122)

*(...) j'étais âne  
bâté, chameau,  
ignorant, idiot,  
lourdaud, j'étais  
tout ! Encore faut-  
il savoir que j'étais  
seul à recevoir tous  
ces noms.*  
(ORBAN, 1914, p.  
142)

O registro de língua dos tradutores está mais envelhecido, pois hoje, não se usaria a mesmos xingamentos. Na tradução de Philéas Lebesgue, mais uma vez, o uso é sempre mais enobrecido e livre. Ele traduz “ces doux vocables” para “esses nomes” “tous ces noms” por Orban e “la série de ces épithètes” por Delpech. Também, traduz moleirão por “balourd” quando os outros traduzem por “lourdeau”. Tira o verbo para deixar o estilo mais nobre ou condensa a frase em algumas palavras e omite umas partes do diálogo.

A imaginação ia  
reproduzindo as  
palavras, os gestos,  
toda a noite  
horrenda do  
crime...  
Crime ou luta?  
Realmente, foi  
uma luta em que  
eu, atacado,  
defendi-me, e na  
defesa... Foi uma  
luta, uma luta  
desgraçada, uma  
fatalidade. Fixei-  
me nessa idéia.  
(MACHADO, p.  
149)

*Mon imagination  
revivait les mots,  
les gestes, toute  
l'horrible nuit du  
crime.*  
*Crime ou lutte ?  
En réalité, il  
s'agissait d'une  
lutte, au cours de  
laquelle j'avais agi  
en état de légitime  
défense... une lutte  
malheureuse... une  
fatalité. Je  
m'affermis dans  
cette idée.*  
(DELPECH,  
1997, p. 111)

*Mon imagination  
revivait les  
paroles, les gestes,  
toute la nocturne  
horreur du crime.*  
*Crime ou  
querelle ? En  
somme, j'avais été  
attaqué, je m'étais  
défendu... C'avait  
été une lutte  
malheureuse, une  
fatalité. Je  
m'arrêtai à cette  
idée.*  
(LEBESGUE,  
1911, p. 104)

*Et malgré moi,  
j'évoquais dans  
mon imagination  
ses cris, ses gestes,  
ses regards, toute  
l'horrible nuit du  
crime... Crime ou  
lutte ? Réellement,  
ce fut plutôt une  
lutte, j'avais été  
attaqué, je m'étais  
défendu ; et me  
défendant... Ce fut  
une lutte  
malheureuse, une  
vraie fatalité.*  
(ORBAN, 1914,  
p. 125)

Lebesgue, ao traduzir « toute la nocturne horreur du crime » tem uma preocupação com o efeito mais bonito no estilo. « Toute l'horrible nuit du crime » ou para « toda a noite horrenda do crime ». Nesse caso, a tradução de Philéas Lebesgue é muito mais livre, curta e condensada. A posição de Victor Orban, ao contrário, não assume nenhum risco. Ao final, Adrien Delpech é o tradutor mais fiel, medindo liberdade e “estranheza” do texto enquanto a de Lebesgue – mais uma vez – apresenta características de uma tradução mais livre, talvez mais distante do original no uso de registro diferente, na omissão de algumas partes “Il n'est pas dans son assiette” para traduzir “está muito sentido” invés de “il est fort ému” (Delpech / Orban).

Coitado do Procópio! apesar do que <b>padeceu está muito sentido.</b> (MACHADO, p. 147)	Pauvre Procópio ! malgré tout ce qu'il <b>a enduré, il est fort ému.</b> (DELPECH, 1910, p. 109)	Pauvre Procópio! Après la nuit qu'il <b>a passée, il n'est pas dans son assiette.</b> (LEBESGUE, 1911, p. 103)	Ce pauvre Procope ! malgré <b>tout ce qu'il a enduré, il est fort ému.</b> (ORBAN, 1914, p. 12).
---	--	--	---

Os traços sistemáticos das escolhas dos tradutores permitem confirmar as intuições iniciais e o projeto de tradução de cada tradutor.

## **Conclusão**

Questionar as novas traduções com o original entre eles permite um diálogo melhor de como traduzir hoje e do traduzir no início do século na França. No conto “O enfermeiro”, cada tradutor deixou a sua marca e sua interpretação, a sua ética e seu estilo. Hoje, a última reedição propôs a primeira tradução, talvez porque menos raro não editado em revista, nem em livro, mas em texto completo. A tradução de Philéas Lebesgue caracteriza-se de uma liberdade exagerada, omitindo parágrafos, a enunciação do conto, trocando de registro de língua, alongando o texto e trocando o ritmo do texto. Ela é muito voltada ao público de recepção e se preocupa pouco da famosa letra evocada por Berman. O essencial é na re-criação injustificada, parecida à uma adaptação. A segunda tradução de Victor Orban usa uma língua pouco ousada e mais próxima ao enobrecimento e ao afrancesamento quase sistemático (nomes franceses dos personagens, Rio para Corte etc.). Enfim, a primeira e última edição (1910 e 1997) por Adrien Delpech, o introdutor da obra de Machado se mostra mais atenta às nuances no conjunto do conto. No seu projeto de tradução, ele comenta o seu desejo de fazer uma tradução à maneira de Chateaubriand que traduz Milton, isto é de maneira muito literal, e ao mesmo tempo com seu próprio estilo. Essa tendência a limpar ou adaptar o texto ao gosto francês vai diminuído com o passar das décadas, como se observa, em 1997, com a segunda tradução de Adrien Delpech, muito mais próxima ao texto original e de certa forma mais criativa e fiel ao espaço histórico-cultural.

## **Referências Bibliográficas**

### **Corpus**

- [1] MACHADO de ASSIS, *Oeuvres de Machado de Assis*, traduzido por Adrien DELPECH, Editions Garnier, Paris, 1910.
- [2] LEBESQUE, Philéas « L’infirmier », Philéas et Manoel GAHISTO, dans *Mille nouvelles nouvelles n°14*, La Renaissance du livre, Paris, mars 1911, p.37-45.
- [3] ORBAN, Victor, *Machado de Assis, une oeuvre littéraire, une vie*, Garnier Frères, Paris, 1914.
- [4] MACHADO de ASSIS, *La Cartomancienne*, traduzido por Adrien Delpech, Editions de l’Ombre, Toulouse, 2001.
- [5] BERMAN, Antoine, *L’épreuve de l’étranger*, Gallimard, Paris, 1998.

- [6] BERMAN, Antoine (1990). «La retraduction comme espace de la traduction», *Palimpsestes* n° 4, Publications de la Sorbonne Nouvelle, pp. 1-8.
- [7] GAMBIER, Yves (1994), « La retraduction, retour et détour », in *META*, XXXIX, (3), pp. 413-417. Université Turki, Finlande, 1994, vol 39, n°3  
<http://id.erudit.org/iderudit/002799ar>
- [8] ORBAN, Victor, « L’infirmier », in *Machado, une œuvre littéraire, une vie*, Garnier Frères, 1917, Paris
- [9] OSEKI-DEPRE, Inês, *De Walter Benjamin à nos jours- Essais de traductologie*, Honoré Champion, 2007, Paris.
- [10] SCHWARTZ, Roberto, “Duas notas sobre Machado de Assis”, *Que horas são?* Ensaios, Companhia das Letras, 2006.
- [11] STAUT, Valezi, Lea M. *A recepção da obra machadiana na França*, São Paulo, tese de doutorado não publicado.
- [12] TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Lille: Presses Universitaires Artois, 2004.
- [13] VEIGA, Cláudio. *Um brasilianista francês: Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998

## **Autor**

<sup>1</sup> **Emilie AUDIGIER, Doutoranda**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Departamento de Literaturas Neolatinas e Tradução  
Université de Provence I Aix-Marseille, (UP) Departamento de Literatura Comparada  
E-mail : emilie.audigier@hotmail.fr